

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS 1: CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTORIA**

EDUARDO LEMOS PORTO

DA VIOLÊNCIA A SANTIDADE: UMA LEITURA DO CASO IZABEL CRISTINA

Campina Grande - PB

2012

EDUARDO LEMOS PORTO

DA VIOLÊNCIA A SANTIDADE: UMA LEITURA DO CASO IZABEL CRISTINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Auricélia Lopes Pereira

Campina Grande - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

P853d Porto, Eduardo Lemos.

Da violência a santidade [manuscrito] : uma leitura do caso
Izabel Cristina / Eduardo Lemos Porto. – 2012.

14f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof^a. Ma. Auricelia Lopes Pereira,
Departamento de História”.

1. História. 2. Religião - Crença. 3. Campina Grande - PB.
I. Título.

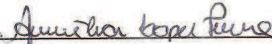
21. ed. CDD 908

EDUARDO LEMOS PORTO

**DA VIOLÊNCIA A SANTIDADE: UMA LEITURA DO CASO IZABEL
CRISTINA**

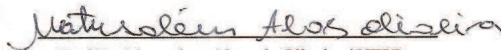
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação Licenciatura Plena em História
da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento
à exigência para obtenção do grau de Licenciado em
História.

Aprovado em 07/12/2012.



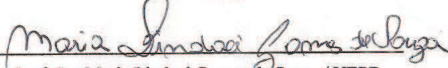
Prof.ª Dr.ª Auricélia Lopes Pereira / UEPPB

Orientadora



Prof. Dr. Matusalem Alves de Oliveira / UEPPB

Examinador



Prof. Dr. Maria Lindaci Gomes de Sousa / UEPPB

Examinadora

DA VIOLÊNCIA A SANTIDADE: UMA LEITURA DO CASO IZABEL CRISTINA

PORTO, Eduardo Lemos

RESUMO

Na década de 80 a cidade de Campina Grande vivenciou transformações em seu âmbito social e cultural, sendo que no mês de Outubro de 1983 os jornais divulgaram uma notícia que marcou por muito tempo a história de um bairro desta cidade, o estupro seguido de morte da menor de apenas 7 anos Izabel Cristina Barbosa Dias, morta por Manuel Guimarães Dias que ficou conhecido como o monstro do quarenta. Caso este, que gerou grande repercussão na população campinense, um misto de revolta e fé, pois se criou-se outras narrativas de uma menina assassinada a uma menina santa. O objetivo central desse artigo, consiste em a partir desse acontecimento, problematizar a construção do imaginário de santidade da menor Izabel Cristina, considerada uma santa pelos milagres relatados por pessoas que tiveram fé nela, passando a deslocar o sentido narratológico de um fato: de um crime hediondo a histórias investidas de santidade e fé. Como fonte de discussão teórica foi pesquisada textos de Rubens Alves e Eliade, autor do livro o sagrado e o profano. Buscou-se explicar a influência religiosa da crença dos santos, pesquisando também a dissertação de mestrado da professora Elisa Mariana Nóbrega, cujo trabalho se propõe a estudar o imaginário de santidade da menina Francisca que também assassinada tem a narrativa de santidade sobreposta a do crime.

PALAVRA CHAVE: crença, repercussão, santidade

Introdução

Era terça-feira, dia 18 de outubro de 1983, a primeira página do jornal local da cidade de Campina Grande, Gazeta do Sertão, trouxe estampada a seguinte manchete “Criança estuprada e morta a facadas”. O periódico colocou a foto do assassino, da mãe da vítima e do pedreiro que ajudou a prender o criminoso. Logo abaixo da fotografia havia outro título: “Populares revoltados quiseram linchar o monstro”. O crime havia acontecido um dia antes. Conforme o texto escrito pelo jornalista, o assassino tratava-se de Manoel Guimarães Dias de 34 anos, casado, residente no bairro do Quarenta, que atraiu par um prédio em construção a menor Izabel Cristina Dias de apenas sete anos de idade, residente na Rua Santa Rita, 401 - bairro do Quarenta, filha de João Barbosa Dias e Dalvina Pereira Barbosa. A menor, estudante do pré-escolar do Colégio Municipal Melo Leitão, se dirigia à escola quando o “monstro” a estuprou e em seguida como queima de arquivo desferiu treze facadas por todo o corpo da criança matando-a instantaneamente. O que causou uma intensa comoção e revolta nos moradores da cidade.

Em razão da repercussão do acontecimento a notícia rendeu varias reportagens no jornal Gazeta do Sertão (principal fonte deste trabalho), Jornal da Borborema e Jornal da Paraíba de Campina Grande. Casos dessa natureza quando divulgados pelos meios de comunicação parecem mobilizar a opinião pública na qual cada saber autorizado, é chamado para se posicionar sobre o assunto. Posição de fala que remete sempre ao lugar social do sujeito que enuncia sua verdade. As posições são imediatamente acionadas pelos vários campos do conhecimento tais como a psicologia, a religião, a educação, a sociologia além dos profissionais da saúde pública. Assim Manuel Guimarães Dias passou no Instituto de Psiquiatria Forense de João Pessoa por um rigoroso exame psiquiátrico para saber se o mesmo era detentor de problemas mentais. Exigência esta, feita pelo advogado José da Mata Bomfim para poder defendê-lo. Mas segundo a opinião do médico psiquiatra doutor Freitas, o assassino passou por rigorosos exames onde não foi constatado que ele sofresse de qualquer distúrbio mental. Era ele:

... um alcoólatra que sobre o efeito da bebida perde completamente o senso comum se tornando um ser agressivo de atitudes inconsequentes, que não ver limites para seus atos errados como roubar, espancar, estuprar, e matar, é

uma criatura que vive com a maldade no coração, um criminoso de mente sã, frio e calculista.(Gazeta do Sertão: 04 11 1984)

Também o imaginário de uma parte dos moradores da cidade é ouvida. Nos dias que se seguiram ao assassinato da menor Izabel Cristina, em um clima de comoção e revolta, histórias sublimes começam a se multiplicar. Histórias de pessoas que começaram a crer na santidade da vítima, histórias que investem o local da morte de símbolos e signos maravilhosos, fantásticos: o local torna-se palimpsesto, escritura sobre escritura: sobre a grafia terrível do crime, uma gramática de fé escreve relatos de esperança e milagres: a vítima era santa. E assim, no local de sua morte começaram acontecer intensas romarias de pessoas que oravam para ela pedindo graças. Os jornais tornam-se eles mesmos espaços dessas narrativas: Pessoas chegaram a relatar no Jornal Gazeta do Sertão melhoras repentinas de saúde devido à oração feita a Izabel Cristina, a exemplo da narrativa de Rita Maria de Almeida, lavadeira, que deixou suas vizinhas espantadas ao melhorar repentinamente de uma doença que lhe deixava prostrada sobre a cama. Ela relata que em seu sofrimento acabara fazendo uma prece para a menina morta e que no outro dia não sentia mais a dor nas pernas que a impedia de andar e voltar a sua atividade bem disposta. Histórias como a de Rita Maria de Almeida deslocam o significante: a menina santa se escreve sobre a menina estuprada e morta. Como pensar esse deslocamento?

Para enfrentar tal questão este artigo está dividido em três partes: O primeiro momento se propõe a fazer uma cartografia do acontecimento com base nas reportagens do jornal, na descoberta do corpo, na prisão em flagrante do “monstro do Quarenta” e na comoção da população em frente a delegacia. O segundo momento se propõe a cartografar o evento da santidade que tem sua emergência após a transferência do “monstro” para a prisão de segurança máxima o Roger de João Pessoa. Momento em que a população começa a ter sua atenção voltada à pequena vítima, onde constantes visitas são feitas ao local de sua morte. Local investido de orações, promessas. Nele, um altar é improvisado junto com os resultados milagrosos. Contexto em que se dá a luta da população do bairro do Quarenta para que no local de morte da menina-santa fosse construída uma capela dedicada só a ela. Na última parte, faremos uma breve discussão teórica tendo como principal fonte a dissertação de mestrado da professora Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega onde ela estuda o imaginário da população da cidade de Patos a partir santidade da menina Francisca que após se encontrada morta começa a fazer milagres, segundo as narrativas locais.

I. Cartografia dramática de uma morte

O episódio teria ocorrido entre os bairros de Santa Rosa e Quarenta da cidade de Campina Grande, no dia 17 de outubro de 1983. Passava das treze horas da tarde quando o pedreiro Luiz Gomes da Silva que se encontrava batendo tijolos com seu filho, em mais um dia de árduo trabalho, fora surpreendido por gritos vindos de dentro da construção de frente onde ele estava trabalhando.

Quando ouvi os gemidos entrei justamente com meu filho na construção e vi quando o criminoso ia saindo de uma das dependências da construção com uma faca na mão limpando o sangue da arma na perna da calça e aí então nós vimos a menina estendida no chão. (GAZETA DO SERTÃO: 18/10/ 1983, n. 751, p. 5).

A cena era bastante aterradora: o cadáver da menor tinha inúmeras perfurações de faca, havendo muito sangue escorrendo pelo chão. Imediatamente o pedreiro liga para a polícia, enquanto o assassino corre pelas ruas do bairro do Quarenta, melado de sangue, chamando atenção de um policial que passava na hora, prendendo o “meliante”. No local do assassinato, uma multidão de curiosos via de perto o corpo da vítima inocente de um “homem desalmado”. Logo, a imprensa é acionada, avisando pelo rádio que uma criança fora encontrada morta nas dependências de uma casa em construção na Rua Américo Carneiro. O aviso tinha o intuito de localizar a família, onde por volta das 14h30min uma mulher chega ao local e identifica como sua filha.

Uma das fontes que ajudou a ser identificada a criança foi seu vestido de xadrez amarelo. Nome da criança Izabel Cristina Barbosa dias, filha de Dalvina Pereira Barbosa Dias.” (GAZETA DO SERTÃO: 18/10/ 1983, n. 751, p.5).

Ao ser identificada notava-se que a vítima sofrera violência sexual e em seguida fora perfurada com treze facadas em seu abdômen. Sua mãe, acompanhada de agentes policiais, providencia a requisição policial, como também o caixão e roupas para que ela fosse sepultada. O seu corpo foi velado no Cemitério do Cruzeiro às dezesseis horas do dia 18 de outubro de 1983, causando uma grande revolta na multidão de pessoas que tinha ido ao seu enterro. Em seguida, munidas de cartazes, essas pessoas vão à delegacia no intuito de fazerem justiça com as próprias mãos “contra o monstro do quarenta”, apelido esse dado ao Manuel Guimarães Dias.

Aos gritos de queremos justiça, “solta o monstro” agente faz justiça solta, solta, solta, a grande multidão quase invade a central de polícia, não invadindo devido aos cinquenta policiais em volta dela” (GAZETA DO SERTÃO: 19/ 10/ 1983, n. 752, p. 4).

A turba sedenta de justiça era constituída de homens e mulheres, pais dos colegas de escola da menina Izabel Cristina, que estudava no Colégio Melo Leitão. Passam horas em

frente à delegacia central na esperança de, na transferência do assassino, conseguir capturá-lo e vingar a morte da pequena Izabel. Temendo o pior, o delegado Pedro de Medeiros e o subcomandante - o major João da Mata - avisam a população que o preso já tinha sido transferido para o presídio; havendo realmente sua transferência horas depois que a multidão deixa o local, sendo transferido para o presídio de segurança máxima, o Roger que se localizava na capital João pessoa. Não ficara no presídio em Campina Grande, pois o “monstro do Quarenta” estava sendo ameaçado de morte pelos presos de Campina Grande, que também ficaram bastante revoltados com o acontecimento. Aos poucos no desenrolar daquela trama se constituía um jogo estratégico que obedecia a dois lugares antagônicos: de uma menina de sete anos, vítima da violência de um homem de 34 anos como um sujeito que trazia consigo um “extenso currículo de maldades” e a menina sendo vista como um ser indefeso, frágil, impedida em seu desespero de viver. De um lado, a imagem do assassino cruel, bárbaro, covarde representado pelo paradigma de crueldade e de desumanidade; de outro, uma criança indefesa, representada pelo paradigma da inocência. Nessa trama, as noções de força e de fragilidade se contrapõem, constituindo assim o sentido do maior sobre o menor. Cruzam-se os pares de representação destes lugares opostos: a vítima inocente e o assassino desalmado.

O autor do ato criminoso, Manuel Guimarães Dias que tirou a vida da menor Izabel Cristina aguarda julgamento no presídio de segurança máxima de João pessoa, ele que tem uma filha de dois anos de idade, tinha passado seis meses detido por esfaquear a vagina de sua esposa, ficando conhecido pela população de campina grande pelo apelido de monstro do Quarenta, pela extrema crueldade com a menor Izabel Cristina crime este acontecido numa casa em construção na Rua Américo Carneiro bairro do Quarenta. (GAZETA DO SERTÃO: 21/ 10/ 1983, n. 754, p. 5)

O monstro do Quarenta passou mais de um ano para receber o julgamento que iria levar a sua penalidade, por falta de advogado público, onde a maioria dos advogados contatados pelo juiz Hitler Cantalice se recusava a defendê-lo. Manuel Guimarães Dias também respondia por um assalto que praticara no ano de 1977, em João Pessoa, tomando um relógio de um popular. Os advogados pediam um exame de insanidade mental. Caso fosse constatado que o réu tinha problemas mentais haveria uma justificativa para defendê-lo.

Atendendo a petição do advogado de ofício Jose da Mata Bomfim, é autorizado que o maníaco Manuel Guimarães Dias, o monstro do Quarenta seja submetido a rigoroso exame de insanidade mental “(GAZETA DO SERTÃO: 21/ 12/ 1983, n. 791, p. 5)

O monstro do Quarenta passou mais de quatro meses sendo estudado pelos psiquiatras até que finalmente foi divulgado o resultado do exame.

É dado ao juiz o resultado do exame de sanidade mental do réu, Manuel Guimarães Dias requerido pela defesa, feito no Instituto de Psiquiatria forense da capital. No laudo é constatado ser o réu perfeitamente normal não sofrendo das faculdades mentais” (GAZETA DO SERTÃO: 06/ 04/ 1984, n. 830, p. 6)

Sendo comprovado que Manuel Guimarães Dias, o “monstro do Quarenta”, não sofria de problemas mentais, sendo os seus delitos resultados de pura maldade, os advogados se recusaram a defendê-lo. Passando-se mais de um ano do seu bárbaro crime contra a menor Izabel Cristina, finalmente um advogado contatado por outro juiz Luciano Gadelha assume a façanha de defender o “bárbaro monstro”.

Antes mesmo de ser publicada a pauta dos réus que seriam julgados era muita remota a possibilidade de Manuel Guimarães Dias ser levado a julgamento no ano de 1984 uma vez que quase todos os advogados de ofício recusavam se a defendê-lo, mas na última segunda-feira procurado pelo juiz Luciano Gadelha o advogado Francisco Maria aceitou o desafio e vai defender o réu” (GAZETA DO SERTÃO: 29/ 11/ 1984,n. 1070, p. 2)

Quando finalmente chega o dia de seu julgamento, era grande o tumulto em frente ao fórum Afonso Campos de Campina Grande:Uma grande multidão de pessoas ali se encontravam com intuito de linchar o “monstro do Quarenta”; não acontecendo devido o forte esquema policial em frente e dentro do fórum.

O réu Manoel Guimarães Dias, o monstro do Quarenta foi penalizado com 19 anos de prisão pelo estupro seguido de morte da menor Izabel Cristina Barbosa Dias, no dia 11 de dezembro de 1984 onde cumprira no presídio de segurança máxima da capital João Pessoa, o Roger. (GAZETA DO SERTÃO: 12/12/1984, n. 1082, p.5)

Mas essa história não termina aqui. Sobre a cartografia de uma história marcada por um terrível assassinato, outra narrativa se escreve. Sobre o assassinato cruel de uma menina morta e sobre seu sangue inocente as pessoas ordinárias passam a escrever a história de uma menina que faz milagres, de uma menina santa.

II. A tessitura de uma cartografia de milagres

Após a prisão do assassino da menina Izabel Cristina, a comoção desse bárbaro crime leva muitos a visitar o local onde houve o assassinato.

O terceiro dia após o brutal assassinato que enlutou a cidade de Campina Grande, pelo requinte de perversidade contra uma criança indefesa, a construção foi muito visitada, especialmente no último quarto a esquerda daquele projeto de casa cenário do crime. (GAZETA DO SERTÃO: 20/ 10/ 1983, n.753, p.4)

Muitas pessoas chocadas buscavam explicações para um crime da tamanha crueldade, por ela ser uma menina inocente. Inocência que aciona no imaginário das pessoas a ideia de homenageá-la de forma religiosa.

Aqui deve ser construída uma capela para a santa Izabel Cristina, para deixar como um marco religioso a lembrança do que é capaz a violência, argumenta uma visitante do local, a costureira Maria Ida” (GAZETA DO SERTÃO; 20/ 10/ 1983,n.753, p.4)

Cinco dias após o crime bárbaro que chocou a mente de muitos moradores da cidade de Campina Grande, a idéia de santidade da menina Izabel Cristina começava a surgir no imaginário de muitos que visitam o local de sua morte, lugar onde as primeiras promessas a menina começam a serem feitas.

Moradores do bairro do Quarenta começam a fazer às primeiras promessas na esperança de conseguir alguma graça alcançada pedida a menina Izabel Cristina, a primeira promessa com a ornamentação de um pequeno e simples altar e o pedido de emprego para o seu esposo foi feito pela professora de primária Severina Porfirio Viera. (GAZETA DO SERTÃO: 21/ 10/ 1983, n. 754, p. 8)

Começa cada vez a aumentar o número de pessoas que visitava o lugar com velas, sendo estas acessas constantemente. Muitas pessoas trazem pedidos diversos escritos em bilhetes e colocados nos pés do altar improvisado pelos moradores do bairro do Quarenta. Cresce assim, a devoção religiosa em torno da figura da menor martirizada Izabel Cristina. Além do altar com velas e flores uma foto da menina é posta na parede do quarto. Fato que leva a atitude de alguns a procurar o prefeito Ronaldo Cunha Lima para que ele solicite a desapropriação da casa, sendo que no lugar de terminar a construção de uma simples casa se construa uma capela para a devoção a menina Izabel Cristina. Os jornais passam a narrar esse outro movimento da população:

Uma comissão de moradores do bairro do Quarenta procurou o prefeito Ronaldo Cunha Lima, no sentido de conseguir do Executivo a promessa de desapropriação da casa inacabada, construindo assim a desejada capela a santa Izabel, como estava sendo chamada por muitos. (GAZETA DO SERTÃO: 22 /10/ 1983, n. 755, p. 2)

Em meio a toda esta preocupação a respeito do destino que teria o lugar onde Izabel Cristina foi morta e cuja repercussão abalara emocionalmente o povo da cidade de Campina Grande, composta de uma sociedade de maioria de pessoas religiosas, predominando a crença advinda da igreja católica em santos milagreiros, emerge em algumas pessoas um outro paradigma, não mais a violência do linchamento, mas a crença em torno da santa.

O primeiro milagre atribuído a menina Izabel Cristina foi relatado pela lavadeira Rita Maria de Almeida.

Eu estava na cama com um problema muito sério já fraca e sem poder mais trabalhar, foi quando eu me lembrei de fazer uma prece a santinha Izabel Cristina e no outro dia para minha alegria eu já estava bem melhor até minhas vizinhas estavam espantadas com minha cura. (GAZETA DO SERTÃO: 29/ 10/ 1983, n. 761, p. 4)

Mas o milagre não para por aí, pois o filho da mesma também é “tocado” pelo milagre:

Meu filho Francisco, ele bebia muito e eu já não tinha mais para quem apelar daí eu me peguei com a santinha Izabel, pois ninguém mais acredita que o

Francisco mudou da noite para o dia e já não bebe mais, além de ter ficado completamente curado de um problema que ele tinha no estomago que o impedia até de trabalhar e hoje graças a Izabel ele foi trabalhar. (GAZETA DO SERTAO: 29/ 10/ 1983, n. 761, p.4)

Fortalecidas por este testemunho o número de pessoas que visita o altar de Izabel Cristina, cada vez aumentava. Dias havia em que cerca de duzentas pessoas munidas de velas, fotos de parentes, bilhetes com pedidos chegavam ao local, comentava o vigia que tomava conta da casa na época, o Horácio Vicente.

Domingo passado tinha tanta gente que foi preciso eu organizar uma fila para que o povo pudesse visitar o altar da menina. (GAZETA DO SERTAO: 29/ 10/ 1983, n. 761, p. 5)

Outro milagre atribuído a menina Izabel foi da doméstica Geraldina Ferreira:

Fazia oito meses que eu tinha uma perna inflamada, sangrando constantemente, os médicos me disseram que só teria cura com uma operação. Desiludida, numa noite de depressão fiz uma prece para a pequena Izabel, com muita fé, no outro dia levantei melhor e hoje estou curada graças a santa Izabel. (GAZETA DO SERTAO: 30/ 10/ 1983, n. 762, p. 5)

Dona Geraldina contando seu caso ao repórter do Gazeta do Sertão afirma que agora caminha normalmente, coisa que não fazia há mais de um ano, restando apenas cicatrizes do incômodo. Por isso se tornou uma devota assídua da menina Izabel e sempre acende uma vela e deposita um metro de fita no altar da menina considerada santa. Com esses milagres acontecendo às pessoas canalizam sua energia não mais para o criminoso, mas para a posição da Igreja Católica. Entendiam que seria possível uma formal beatificação feita pela Igreja. Ao ser contatado por alguns moradores que lutavam pela construção da capela pela Igreja Católica padre Lourildo, secretário geral da diocese comentou:

Que o reino dos céus pertence às crianças é um mandamento do nosso senhor, mas para beatificar a menina Izabel são imprescindíveis vários estudos e uma decisão do tribunal supremo. (GAZETA DO SERTAO: 30/ 10/ 1983, n.762,p. 6)

Enquanto a igreja continuava indiferente ao que estava acontecendo em torno da figura da menor morta a quem estavam sendo atribuídos milagres dignos de uma santa, mais milagres estavam sendo testemunhados e mais narrativas se multiplicam:

Eu tinha uma dor muito grande no estomago tão grande que eu já não podia mais suportar, toda vez que eu me alimentava me batia uma dor muito forte, que mais parecia que eu ia morrer de tão forte, então na quarta feira depois do enterro da menina Izabel, eu tive um pressentimento que ela podia me curar, foi quando na hora do meio dia eu fiz uma prece para que ela me ajudasse a me aliviar daquele sofrimento, no outro dia eu já estava bem melhor e hoje não sinto nada graças a menina. (GAZETA DO SERTÃO: 01/ 11/ 1983,n. 763, p. 3)

Esse relato é da dona Francisca Jacinta que massageava seu estomago e comentava que já tinha ouvido mais de uma vez, pessoas falando das graças alcançadas por intermédio da menina Izabel Cristina. Espera pagar sua promessa no dia da missa de trinta dias com os pés descalços. Ela novamente ressalta que a menina só pode ser uma santa porque se a gente não considerá-la uma santa, que outra pessoa terá condições de ser marcada pelo sofrimento em sua inocência de menina? Pergunta ela ao repórter.

O altar erguido em nome da santa Izabel Cristina já esta sendo comparada à Cruz da Menina da cidade de Patos, tal a quantidade de pessoas que vinha em peregrinação ao local.

No local que ainda continua recuado e na incerteza em que destino terá, no quarto onde ela foi assassinada, retratos, litografias, frases de agradecimento, adornando o cenário místico que cultuam a pequena vitima como uma possível santa, indiferentes a coordenação de igreja que não canonizou formalmente a menina Izabel. Sendo que são vários os testemunho de pessoas que alcançaram bênçãos como empregos, ou curas repentinas não acreditando essas pessoas em meras coincidências ou méritos próprios, pois todas elas afirmam que tiveram um mesmo pensamento voltado a pedir ajuda a santa Izabel Cristina” (GAZETA DO SERTÃO: 25/ 01/ 1984, n. 831, p. 4)

Embora com tantos relatos de milagres e uma serie de devotos, tanto o município e a Igreja não estavam apoiando o movimento religioso em torno da figura da menina Izabel, onde o proprietário do terreno externou o desejo de vendê-lo à comunidade do bairro do Quarenta.

Alheio a polêmica que vem se formando em torno do destino da casa, o seu proprietário José Dias, residente na Rua Afonso Campos, centro, externou sua vontade de desfazer do imóvel e até colaborar com o município, caso haja a intenção de desapropriação, contudo vetou qualquer possibilidade de doar a casa para a construção da capela. (GAZETA DO SERTÃO: 02/ 02/ 1984, N. 837, P.6)

As incertezas em torno do local de devoção da menina Izabel Cristina continuavam pairando. A sociedade de Campina Grande estava dividida. De um lado, aqueles defensores da construção da capela como ponto de oração, motivados pelos vários testemunhos de milagres e que buscavam constantemente o apoio do município que, por outro lado, ignorava o movimento popular. Essa comissão do bairro do Quarenta chegou a abrir uma conta bancária buscando por conta própria comprar o terreno.

No sentido de angariar dinheiro o suficiente para adquirir a construção e erigir finalmente a capela, já existindo inclusive uma conta aberta no banco Itaú com este propósito em nome do sargento vaqueiro” (GAZETA DO SERTÃO: 25/ 01/ 1984, n. 831, p.8)

Enquanto estava havendo esta luta de moradores para a construção da capela, outro milagre era registrado nos jornais sendo este um dos casos considerados mais curiosos. Tratava-se da doméstica Maria de Lourdes que devido a uma negligência médica ficou com

um bolo de papel dentro de seu estômago depois de uma cirurgia e por isso, sentia fortes dores no ventre, principalmente quando se alimentava:

Eu passei cerca de oito meses sofrendo muito já estava até pensando em fazer uma cirurgia para retirar o bolo de papel já que os medicamentos que eu tomava não tinham efeito, foi quando eu fiz uma prece para a menina Izabel Cristina me valer dela e hoje estou curada. (GAZETA DO SERTÃO: 14/ 03/ 1984, n. 870, p. 5)

Dona Maria de Lourdes relata ao repórter que depois da prece não sentia mais aquelas dores no ventre, mas mesmo assim voltara ao médico Hermano Souto Maior que fazendo um exame minucioso em seu corpo constatou que o bolo de papel realmente tinha sido expulso do corpo dela, se encontrando totalmente curada. Apesar de tantos relatos de milagres atribuídos a menina Izabel Cristina morta pelo “monstro do Quarenta”, tanto a Igreja como o município continuavam resistindo à pressão dos devotos da “nova santinha”. Embora tendo os apelos constantes dos moradores o prefeito Ronaldo Cunha Lima não se sensibilizava com esta situação, enquanto isso o dono do terreno a cada mês que se passava estava ficando impaciente com a indecisão do município.

Esta semana o proprietário Jose Dias se reuniu com a comissão dos moradores do bairro do Quarenta, buscando resolver o problema do terreno dando um prazo para sua compra, pois é impossível doá-lo, pois teria um grande prejuízo financeiro. (GAZETA DO SERTÃO: 17/ 03/ 1984, n. 872, p. 4)

O dilema atravessa meses, mas passando-se mais de um ano do assassinato da menor Izabel Cristina continuava uma forte comoção de pessoas em torno da sua figura comprovada no dia de finados do ano de 1984.

No cemitério pela manhã certo tumulto na entrada sendo grande a quantidade de pessoas que visitam o túmulo da menor Izabel Cristina que foi estuprada e assassinada ano passado, sendo estas pessoas que freqüentaram o local onde ela foi morta e muitas delas alcançaram graças, nem mesmo a chuva inibiu a multidão de postasse na sepultura de Izabel Cristina e muitas delas acenderam velas e rezaram. (GAZETA DO SERTÃO: 04/ 11/ 1984, n. 1048, p. 3).

E, no entanto a capela não foi construída. Atualmente conversamos com uma antiga moradora da Rua Américo Carneiro, dona Socorro, sobre o porquê de a capela dedicada à menina Izabel não ter sido construída. No local do assassinato e da devoção, onde seria construída a tão sonhada capela se vê uma grande casa residencial. Dona Socorro esteve presente na época de comoção religiosa com relação à menina Izabel, inclusive fazendo visitas ao local de sua morte juntamente com centenas de pessoas que também freqüentaram o lugar. Perguntamos a ela: “A senhora chegou a receber alguma graça alcançada por intermédio da Fé em Izabel?” Ela afirmou que não, mas disse que conheceu pessoas que eram doentes e que tinham melhorado por fazer promessas a menina morta. Nossa maior dúvida estava em saber por que a capela não fora construída. Segundo Dona Socorro, havia reunião

de oração na casa dos pais da menina santa, pois com o passar do tempo o terreno foi fechado, sendo vendido mais tarde a uma família que atualmente mora no lugar. Perguntamos onde moravam atualmente os pais de Isabel Cristina, mas a mesma não sabia, pois já fazia anos que eles se mudaram para outro lugar. Depois de conversar com dona Socorro tentei encontrar outra pessoa que vivera aquele momento, mas foi em vão. Ali onde Izabel Cristina muitas vezes caminhou para ir para escola, naquela rua onde morrera e naquele bairro onde tantos se dirigiram para pedir e agradecer milagres, a maioria dos moradores são novos. O tempo escreveu outra cartografia: uma cartografia do silêncio e do esquecimento.

III. A concepção dos santos milagreiros

Desde que surgiu a Igreja Católica com sua doutrina religiosa, os santos milagreiros se constituíram como personagens centrais: intermediadores entre o homem e Deus. Têm eles congregado inúmeros fieis. Os santos aparecem como personificação de modelos de vida e ideais religiosos, ser a serviço de Deus. É ele que tem a missão de ouvir aqueles que têm problemas e que pedem ajuda. Afirma Ruben Alves: “A religião é o clamor daqueles que sofrem e sonham para acalantar a alma, definindo o mundo sagrado como um grito que ecoa a essência humana” (ALVES, 1988, p. 5). E nesse campo de clamor, nesse mundo sagrado habitam os santos.

Os santos tornam-se a expressão das dores e das esperanças dos que têm, ou não têm poder, sendo eles mediadores entre Deus e os homens ajudando os oprimidos, dando um toque e um sentido a vida. Assim sendo, diz Ruben Alves, os santos passam a ser considerados provedores de milagres e também um modelo de vida a ser seguido pelo fiel que nele deposita a sua fé.

A fim de melhor explicitar aquilo que constitui a santidade de um ser, sendo este o foco desse artigo, tomamos de empréstimo a noção de santidade apresentada por Rubens Alves em seu estudo sobre a religião:

Santidade é um conjunto de sinais compreendidos por todos, um verdadeiro código sensorial, tornando banal pela literatura hagiográfica que se trate da incorruptibilidade do corpo ou do perfume delicioso que ele emana, das emanações de óleo e de sangue ou dos poderes de irradiação que parecem ter os seus ossos, toda uma série de manifestações concordantes atestam que o influxo e o poder sobrenatural do santo não ficam diminuídos, mas, pelo contrário, aumenta com a sua passagem para o além. (ALVES, 1988, p. 13).

Além do apresentado por Rubens Alves, consideramos ainda que a configuração do conceito de santidade cria no imaginário do fiel uma referência fortemente baseada na realização de milagres e na prática de virtudes como a fé e a renúncia aos prazeres mundanos, a resistência às tentações e o sofrimento em nome de Deus. Na construção da imagem do santo, o imaginário popular também agencia justificativas. No caso da menina Isabel Cristina, trata-se de uma inocente que mal conhecera a vida e que esta lhe foratirada de forma violenta e injusta, sendo para muitos uma grande justificativa para a sua santidade:

Constantemente velas são acessas naquele local onde os populares de várias partes da cidade de Campina Grande depositam sua fé na menina morta, tendo como justificativa de sua santidade o seu bárbaro assassinato que sofreu em sua idade de inocência. (GAZETA DO SERTÃO: 21/ 10/ 1983, n. 754, p.4).

Sendo assim, as práticas religiosas de aproximação que permitem ressaltar o caráter afetivo do fiel a sua santa, provocaria estímulos emocionais necessários à realização do milagre, esse que não passa de um sagrado problematizado como algo exterior ao mundo profano, mas edificado pelas pessoas quando elas atribuem a seu significado as suas práticas no ato de crer levando uma convivência com o sagrado. A menina Izabel Cristina a quem muitos atribuíam à santidade se torna um ser sagrado, digno de ser uma santa canonizada pela Igreja Católica, onde os seus fieis pediam ao padre que ela fosse canonizada para prestar o mesmo culto igual a outras santas da igreja.

Ontem moradores do bairro do Quarenta foram a igreja católica central, falar com o bispo diocesano dom Luiz Gonzaga Fernandes, sugerindo ao bispo a canonização da menina Izabel Cristina que para muitos é digna de oficialmente ser chamada de santa, já que ela tem sido detentora de milagres. O bispo argumentou que para a sua canonização terá que passar por um grande processo tendo até este caso chegar ao conhecimento do papa João Paulo II (GAZETA DO SERTÃO: 04/ 11/ 1983, n.790, p. 6).

Sabe-se que para a canonização, há um processo, onde um conselho é formado para estudar o caso. Sua discussão é feita por padres, bispos e arcebispos. Processo que leva a realizar a canonização do santo. Enquanto formalmente não se canoniza, a igreja não faz nenhum impedimento ao culto, pois o papa no século XV deu este privilégio que pudesse levar a uma futura canonização. Diz Ruben Alves:

Desde o século xv o papa tem incentivado a cultivar novos candidatos a santidade, desde que fosse comprovado neste ser, uma vida de virtudes onde em sua morte inesperada ou martirizada as pessoas comprovassem milagres atribuídos a ele o levando a ser um santo intermediador do homem a Deus. (ALVES, 1988, p. 20).

No século XVII, enquanto não se canonizava, a beatificação acabou se tornando um passo obrigatório antes da canonização e nesse sentido, muitas causas acabaram se encerrando com ela, já que os autores da causa não tinham mais interesse em prosseguir com os trabalhos necessários para a canonização:

No século XVII o papa exige que para que o santo seja canonizado tem que primeiro passar pela beatificação, considerado uma fase completa sendo uma mini canonização útil ao objetivo principal e de poder prestar culto ao servo de Deus na religião onde o consideram santo. (ALVES, 1988, p. 21).

Não obstante, a beatificação, como um passo para a canonização não tem sido muito cobrada atualmente, já que no ano de 1983 houve reformas quanto esta doutrina.

A beatificação não será mais exigida, numa reunião com os bispos de Roma o papa João Paulo Segundo decidiu que para uma canonização se evidencie milagres onde leve direto ao status de santo o ser milagreiro, já que no passado se dava o título de beato aquele santo não oficial. (Revista Manchete: 11/ 12/ 1983, p. 30).

Um caso muito conhecido de uma menina considerada santa pelos populares é a “Santinha de Patos”, fenômeno estudado pela professora Elisa Mariana Nóbregaem sua dissertação de mestrado. A menina Francisca, viveu na década de 20 e fora adotada por um casal muito conhecido na cidade: Absalão Emereciano e sua esposa Domila Emereciano. Contava-se que a menina Francisca por ser adotada era extremamente explorada por sua mãe adotiva, levando a um acontecimento que tira sua vida.

Em 10 de outubro de 1923 por volta das 18 horas dona Domila dá uma ordem a sua afilhada a menina Francisca, que após lavar a louça e organizar outros espaços da casa, fosse dormir. Quando Domila sai com seu marido para um evento na cidade, a pobre inocente após cumprir a tarefa abre a janela e fica a contemplar as brincadeiras o sono bate e displicentemente, dirige-se para a rede esquecendo-se de fechar a porta. Quando Domila chega em casa e ver a porta aberta num excesso de ira espanca a menina com um grande pedaço de madeira culminando com sua morte. (NÓBREGA, 1995, P. 68).

Depois misteriosamente a menina desaparece, sendo mais tarde encontrado o seu cadáver.

Em 13 de outubro, ou seja, dois dias após o fato, o corpo franzino era localizado pelo rurícola InácioLazaro que atraído por urubus e pensando que alguma criação teria perdido a vida se deparou com os restos mortais da menina Francisca (NÓBREGA, 1995, P. 68).

A partir daí, a polícia é acionada para desvendaro caso, onde os maiores suspeitos são os seus padrastos. No local onde fora encontrado o cadáver, o agricultor Inácio Lazaro fincou uma cruz de madeira simples que passou a servir de orientação as pessoas que ali passavam, mantendo uma tradição religiosa de milagres atribuídos a menina. Em sua dissertação de mestrado a professora Elisa Mariana Nóbregaestuda a invenção da tradição religiosa da Cruz da Menina da cidade de Patos, interior da Paraíba, problematizando o fenômeno que se transfiguraa partir de um crime bárbaro de uma criança e se constrói naqueles que se chocaram com o acontecimento,um imaginário religioso que edificou e legitimou a menina Francisca como a santa da Cruz de Menina. Mas, assim como o caso da menina Izabel Cristina, não só o fato do choque emocional em saber do bárbaro crime leva à crença em sua santidade, mas principalmente a influência religiosa da crença nos santos, onde o tipo de pessoa e as circunstânciasde sua morte edificameste imaginário de santificação. Segundo Elisa Mariana:

A escrita sobre a santa de Patos singularizou e publicou as maneiras de dizer o sagrado, produzindo em texto uma formalização das práticas de crer, uma

estilização das condutas. Assim a crença se autorizou por um discurso escrito, mantendo uma relação os conceitos de verdade e santidade. (NOBREGA, 1995, P. 84).

Para Elisa Mariana, a invenção da santidade é histórica, acionando na mesma medida uma invenção mística que localiza uma ideia de origem, confeccionada por uma cumplicidade, segundo a autora entre as “artes de dizer” e as “artes de fazer” Assim sendo o acontecimento trágico que, pois fim a vida da menina Izabel Cristina, junto com as circunstâncias de sofrimento, remete a um passado que a torna no presente uma santa, levando a tradição do crer que leva do martírio à santificação. Estaria ligada a invenção de uma santa a invenção de um mito, o mito que parece ser tudo e nada ao mesmo tempo. Para os estudiosos ele está associado a uma linguagem poética que narra as fantasias de uma sociedade primitiva, que buscava a explicação das coisas na crença de um ou mais em seres celestiais, deuses ou santos na atuação na vida dos humanos, pensamento este considerado primitivo num mundo moderno, tecnizado e racionalizado. O historiador Marcelo Fabri afirma que as questões

O mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio em outros termos, o mito narra com graça a façanha dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir seja uma realidade total o cosmo ou apenas um fragmento, uma ilha uma espécie vegetal um comportamento humano uma instituição e sempre, portanto a narrativa de uma criação, ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (REGIS, 1987. p112).

Portanto, a santidade da menina Izabel Cristina pode se considerar um mito não simplesmente porque é narrada sua criação, origem, e sim porque o presente se confrontou com uma origem fabricada, tecida por varias narrativas que denota o misticismo de sua imagem. O mito dessa santa, portanto não seria a narrativa de uma grande historia localizável em algum autor, mas a tecelagem fragmentada de depoimento de testemunhas que atestam a realidade de um fato.

Bibliografia

ALVES, R. **O que e religião**, Coleção primeiros passos, 1987.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**, [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GAZETA DO SERTÃO, **Criança estuprada e morta a facadas**, edição nº 751. Campina Grande, 1983.

GAZETA DO SERTÃO, edição nº 831. Campina Grande, 1984.

MANCHETE, **A nova doutrina da igreja católica sobre canonização dos santos**, 1983.

NÓBREGA, E. M. **Retalhos de um corpo santo a construção histórica da cruz de menina**, Tese de mestrado, 1995.

REGIS, C. **A importância do mito**, Editora abril cultural, 1987.